



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Buihã Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Diabo Azul;—*Risonha*, por Catulle Mendès;—*As instrucções dos ministros francezes em Portugal*, por Pinheiro Chagas;—*Post Mortem*, soneto, por Silva Ferraz;—*Camello Castello Branco*, por Alberto Pimentel;—*A telegraphia no amor*, conto, por Luiz Ulbach;—*As nossas gravuras*;—*As estrellas*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Estudos de hygiene*, (continuação), por Castor;—*O meu amigo Fernando*, conto, por Lorjô Tavares;—*Em familia (Passalempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O filho prodigo*, conto, por Magalhães Fonseca.

GRAVURAS:—*Monsenhor Maréchal*;—*Ponte Pensl do D. uro*;—*Um reque audacioso*;—*Modas*; *Paul Boc age*.

CHRONICA

A chronica não pode deixar de se dar ares de romantica, como as damas de 1830, que hoje são avós: a chronica saúda este bello azul do ceu em que o sol tem brilhado a despeito dos primeiros frios, estes deliciosos dias que tem havido e que parecem feitos de pedras de rosas e de ouro, cahindo do alto sobre os lisboetas que regressam das praias.

Eu bem tenho visto a gentil leitora—porque a leitora é sempre gentil—descer ás tres horas da tarde o Chiado, para, em plena luz cutonal, se reconciliar com Lisboa, esta paciente Lisboa a que, durante o verão, todos voltamos as costas e que, no inverno, quando de novo a procuramos, nos recebe, como agora, com o seu mais luminoso sorriso e com o seu mais bello olhar azul.

Amoravel Lisboa, que não sabes guardar resentimentos, que não te abandonas á pieguice de um amuo, que não conheces o que seja um arrufo, perdoa-me, perdoa-nos!

Tu és boa e generosa,—tão generosa que estás ti-

rando de nós todos uma vingança verdadeiramente fi dalga!

Tu bem podias esperar o nosso regresso com a severa catadura sombria de um pai que vê chegar a casa um filho que faltou ao collegio.



MONSENHOR MARÉCHAL

Podias pregar-nos uma reprimenda, de férula em punho.

—Onde é que o sr. esteve?

—Estive na Granja.

—A Granja é melhor do que eu?

—Ora essa! Não é.

—Pois então para que troca o melhor pelo pior?

E, zás, um puxão de orelhas.

Mas não, nada d'isto!

Lisboa não só não se quiz mostrar severa com os recém-chegados das praias e dos campos, mas levou a sua generosidade até ao ponto de nos receber amavelmente, com o mais agradável ceu que se pode desejar no outono, e com a maior variedade de acontecimentos que poudo colligir para nosso regalo.

Porque a verdade é esta: logo que chegámos tivemos em que pensar agradavelmente.

E nas praias quem déra d'isso! E, fallando por mim, confesso que a maior parte dos dias não tive mesmo em que pensar, agradavelmente ou desagradavelmente.

E os outros, que eu vi na minha praia, tinham o ar de fazer a mesma coisa, não pensando absolutamente em nada.

Mas logo que cheguei a Lisboa principiei a ouvir fallar de eleições municipaes.

Eleições! Ha lá nada mais divertido!

E então d'esta vez, que o caso foi tão embrulhado, tão complicado e, ao mesmo passo, tão engraçado!

O Restello reconciliado aparentemente com o Palha, mas sempre desconfiado; o Palha reconciliado aparentemente com o Restello, mas sempre com a pedra no sapato.

O Marianno guerreando os republicanos, seus auxiliares antigos; os republicanos zurzindo o Marianno como quem lhe conhece a chronica, como quem lhe sabe da vida por fóra e por dentro.

A companhia do gaz aguçando os dentes para dar uma dentada na candidatura do Palha, e o Palha, cheio de gaz novo, a esgrimir com o gaz velho!

Delicioso, e divertido!

Depois, o dia da eleição... Os galopins, os regedores, os *marianaceos* n'uma roda viva. Os republicanos azafamados a espiarem as manobras do Marianno, que ia ao leme, e sorria triumphalmente para o Palha, como dizendo-lhe: «Dou-lhes um xeque de tres mil votos.» E os tres mil votos a sahirem da urna, lentamente, um a um, á mistura com algumas pernas de carneiro e algumas batatas cozidas,—tudo junto. E os republicanos a chorarem, e o Marianno a cantar victoria, de poleiro, no *Diario Popular*...

Deliciosissimo, divertidissimo!

E logo dias depois:

—Vem ahi o Mazzantini!

—O que?! Mazzantini?!

E tão depressa como se annunciou, logo chegou o Mazzantini, a flôr dos toireiros hespanhoes, o primeiro espada, um *diestro* e um *gentleman*.

Sensação em Lisboa.

E logo muitos boatos:

Que Mazzantini mataria um toiro.

Que não. Que não estava isso na lenidade dos nossos costumes.

Que sim. Que por ser Mazzantini um toireiro excepcional, se lhe permittiria uma excepção.

Que ora adeus! Que se Mazzantini matasse um toiro, viria a baixo a praça e o governo. Que haviamos de ver.

E muita gente viu, muita gente quiz ver, não tanto o grande *matador*,—mas principalmente se elle matava os toiros a fingir ou a valer, se aquillo era a brincar, ou a serio.

E Mazzantini simulou tão bem a estocada, que muita gente gritou:

—Lá matou elle o toiro!

E já ninguem se lembrava da lenidade dos nossos costumes...

Mas o toiro, graças a Deus! não teve mal nenhum, porque tudo aquillo era fingido.

E os espectadores, sahindo da trincheira, fôram comer carne de boi ao jantar,—com toda a lenidade dos nossos costumes e dos nossos talheres.

E logo depois outra noticia de sensação, ainda mais outra:

—Que vinha ahi o Camillo!

E a maior parte da gente, que não conhece Camillo senão de nome, ficou alvoroçada ao saber que teria occasião de conhecer pessoalmente o primeiro escriptor contemporaneo.

E d'esta vez o projecto de Camillo não gorou.

Está realmente em Lisboa Camillo Castello Branco no *Hotel Universal*, quarto 22, primeiro andar.

E logo ao *Hotel Universal* correram muitas pessoas a entregar o seu cartão de visita, prestando assim ao grande escriptor uma espontanea homenagem de respeito e admiração.

E a *Illustração Portuguesa*, que admira profundamente Camillo e que profundamente o respeita, tambem lhe envia o seu cartão, com estas palavras de boa-vinda:



DIABO AZUL.

RISONHA.

No pequenino cemiterio que cêrca a egreja, fresco, lindo, enflorado de rosas brancas e dourado a flux pelo sol, vi uma vez uma rapariga—que nova que ella era! dezeseite annos? nem tanto—uma rapariga que ria junto de uma sepultura. Nada se poderia imaginar mais gracioso que essa creança, fluida, pequenina, com os seus cabellos louros, um pouco curtos, encaracolados, com os seus olhos ingenuos e a sua bocca de eglantina tenra. O que porém me desgostou, foi vel-a rir; não é coisa accete isto de se mostrar alegria ao pé das covas em que os mortos dormem; approximando-me, não pude deixar de lhe dizer assim: «Fica-lhe mal o riso, minha senhora. Indubitavelmente não conheceu o homem que jaz debaixo d'essa pedra!»

—Como? Não o conheci?! disse ella. Se elle era meu namorado, se estava para ser meu marido?! Se não havia para mim felicidade que não fosse d'elle, esperança que elle não tivesse... se, quando elle morreu, eu julguei que tambem morria!...

—Comtudo, vejo a rir! volvi.

—Ah! disse ella, é que eu não me esqueço. Emquanto vivo, a unica alegria d'elle era ver-me contente, e estou certa de que, se chorasse sobre a sua sepultura, havia de magoal-o tanto, tanto...

CATULLE MENDÉS.

As instrucções dos ministros francezes em Portugal

I

A commissão dos archivos diplomaticos de França está publicando a compila das instrucções dadas aos ministros francezes nas diversas côrtes estrangeiras, desde os tratados de Westphalia até à revolução. O terceiro volume d'essa collecção preciosissima é consagrado a Portugal, e a publicação d'esse volume foi confiada ao visconde de Caix de Saint Aymour, que o desempenhou com a respectiva introdução e varias notas.

Não tivemos ainda occasião de ver esse volume preciosissimo para a nossa historia, mas o artigo critico publicado a seu respeito, na *Revista Azul*, pelo redactor encarregado da *Palestra Historica*, o sr. Alfredo Rambaud, mostra como, com as melhores intenções d'este mundo, os escriptores francezes continuam a ser a nosso respeito de uma injustiça plenamente justificada pela ignorancia que confessam ter da nossa historia. O sr. Alfredo Rambaud, que é aliaz um dos mais eminentes historiadores francezes do nosso tempo, confessa logo no principio do seu artigo que a historia de Portugal é mal conhecida em França, e digâmos tambem a verdade—o seu artigo o demonstra.

A avaliar pelo *compte rendu*, a introdução do visconde de Caix de Saint Aymour mostra o mais perfeito desconhecimento da historia portugueza e das circumstancias a que se referem as instrucções dadas aos embaixadores francezes, instrucções colleccionadas.

Diz o sr. Alfredo Rambaud que a origem revolucionaria da restauração portugueza de 1640 atrapalhava muito Richelieu, que não desejava sancionar o principio da legitimidade da insurreição, mas que enfim, o interesse foi mais forte do que o principio legitimista, e que a França se resolveu a ajudar-nos, como ajudou os Napolitanos e os Catalães, «reservando-se o direito de se não lembrar mais d'elles quando encontrasse boa occasião de assignar a paz com os seus senhores.»

Esta confissão é preciosa e justa. Foi effectivamente assim que os Francezes nos trataram, abandonando-nos na paz dos Pyreneus, depois de nos terem auxiliado mediocrementemente durante a lucta. Agora, as desculpas que se seguem é que são extraordinarias.

«E' verdade que os Portuguezes farão todos os esforços para justificar, pela sua molleza durante a lucta contra o inimigo commum, a politica egoista que o governo francez adoptára. Nada se ponde obter d'elles, nem exercito seriamente organizado, nem diversão energica no flanco da Hespanha, nem offensiva um pouco decidida. O novo rei de Portugal, tão resolutivo quando não se tratava senão de conspirar, passa a ser um monarcha indolente logo que se senta no throno.»

Não ha uma só palavra em tudo isto que não represente um erro de apreciação, ou um erro de facto.

Se Portugal fosse legitimamente accusado de molleza contra o inimigo commum, é evidente que dentro em pouco estariam os Hespanhoes em Lisboa. Parece que nós é que tinhamos de conquistar a Hespanha! Nós pensavamos de nos defender, e tão energicamente nos defendiamos que os Hespanhoes não conseguiram tomar-nos um palmo de terreno, e eram obrigados a manter contra nós forças consideraveis em toda a extensão da fronteira, na do Minho, na de Traz-os-Montes, na da Beira, no Alemtejo e até no Alentejo.

Não era possivel conseguir de nós que tivéssemos um exercito seriamente organizado! E' boal! Se o não tivéssemos estavamos servidos! Com que é que nos teriamos defendido então contra a Hespanha? Com os regimentos que Richelieu nunca nos mandou, com os soldados francezes que nunca por cá appareceram?

Não faziamos uma diversão energica no flanco da Hespanha! Se a França, mil vezes mais poderosa do que nós, a não fazia, como haviamos de nós fazel-a? Os exercitos francezes pouco adiante passaram da fronteira hespanhola, e para diante da fronteira hespanhola passamos nós muitas vezes, tanto assim que foi em pleno territorio hespanhol que ganhámos em 1614 a batalha de Montijo.

Não tomavamos a offensiva! Tanto a tomámos que fomos bater os hespanhoes em Hespanha. Mas como podiamos fazer mais? A organização do nosso exercito era admiravel, mas era uma organização defensiva, como não podia deixar de ser, pelo caracter da nossa guerra, e pela situação em que a Hespanha nos deixára. Bem procurára ella desorganizar todas as nossas forças, levar-nos para Flandres os nossos melhores officiaes, arrancar d's arsenaes a nossa artilheria. Sem recursos, sem auxilios, defendemos na Europa o nosso territorio, mantivemos a lucta com os Hollandezes na India, arrancámos-lhes, no Brazil, Pernambuco, e Angola na Africa, e ainda somos accusados de molleza!

Em seguida o sr. Alfredo Rambaud lança-nos em rosto a nossa sujeição aos frades, aos jesuitas, aos inquisidores. Diz que os embaixadores francezes são obrigados a tratar sempre com

padres, e escreve a seguinte phrase, que mostra bem com que superficialidade o illustre escriptor estudou o seu assumpto:

«A diplomacia recorre a expedientes de opera-comica: procura-se actuar na rainha, fazendo brihar diante dos seus olhos a esperança de casar sua filha com o rei Luiz XIV.»

Que rainha era esta que se procurava fascinar com essa esperança? Não era de certo a rainha Luiza de Gusmão, cuja filha casou com o rei Carlos II de Inglaterra. Se o fosse, este periodo estava em perfeita e absoluta contradicção com outro que mais abaixo se lê, e em que, fallando das relações entre a Inglaterra e Portugal que Mazarino provocára, diz:

«Foi uma idéa desgraçada: Inglezes e Portuguezes entenderam-se maravilhosamente; uma irmã do rei Affonso desposou o rei de Inglaterra, Carlos II.»

Ora parece que se foi uma idéa desgraçada o praticarem certo acto, que dava em resultado o casamento do rei de Inglaterra com a filha de D. Luiza de Gusmão, seria uma idéa feliz a que desse em resultado o casamento da mesma princeza portugueza com Luiz XIV. N'esse caso como é que o sr. Alfredo Rambaud pode chamar a essa idéa feliz, que elle lamenta se não tivesse posto em pratica, um meio de opera-comica?

Não é esta observação applicavel á filha de D. Luiza de Gusmão e de D. João IV, mas sim á filha de Pedro II? N'esse caso a rainha com quem se empregava um meio de opera-comica era... uma franceza, Maria Francisca Izabel de Saboya d'Aumale e Nemours.

O sr. Alfredo Rambaud esquece-se frequentemente de que n'esse periodo estava uma princeza franceza sentada no throno portuguez. Querendo explicar o motivo da nossa abstenção na guerra de 1673, diz o sr. Alfredo Rambaud, zombeteiramente: «O que contribuiu para se conservar na inacção, foi o nosso enviado d'Auberville não captar as boas graças do padre la Ville, confessor da rainha Izabel. Ordenou-se ao seu successor que tratasse quanto fosse possivel de entrar nas boas graças d'esse padre; foi tudo inutil, e os Portuguezes ficaram em casa.»

Ora esta rainha absolutamente dominada pelo seu confessor, não era uma Portugueza beata, de espirito estreito; era uma Franceza, educada na côrte de Luiz XIV, de espirito largo e aberto.

D'ahi por diante o sr. Alfredo Rambaud caminha perfeitamente ás apalpadellas. Os documentos que lê dão-lhe umas idéas vagas da verdade, mas como não conhece os factos, a sua apreciação é sempre insensata. Depois de dizer que fiçamos completamente sujeitos á influencia ingleza, acrescenta:

«Por isso em 1665, quando principiámos, contra a Hespanha a guerra da Successão, é esse o momento que escolhem os Portuguezes para concluirem a paz com os seus inimigos hereditarios.»

Ora em primeiro lugar nós não concluimos a paz em 1665. Em segundo lugar havia em Portugal um grande ministro, que queria effectivamente que nos alliassemos intimamente com a França. Esse ministro foi derrubado, e derrubado por quem? Exactamente pela rainha, por essa princeza da côrte de França, que viera a Portugal com o intuito de favorecer a politica e as vistas de Luiz XIV, e que empregou todos os seus esforços para derrubar o ministro que representava no mais alto grau, em Lisboa, a politica philo-franceza e a politica de alliança com Luiz XIV.

Essa princeza tinha de ser duplamente funesta a Luiz XIV, funesta porque impediu Portugal, ainda fremente com a sua victoria de Montes-Claros, de se lançar de novo e energicamente na lucta, e de favorecer por conseguinte, de um modo importantissimo, os planos da campanha dos generaes de Luiz XIV, funesta porque esteve para trazer consigo Francisca d'Aubigne, depois madame de Maintenon, e não a trouxe.

Estranha tambem o sr. Alfredo Rambaud que nós não tivéssemos entrado nem na guerra de 1673, nem na da liga de Augsburgo. Essa critica, depois de confessar que os Francezes se esqueciam dos seus alliados, quando achavam ensejo proprio de fazer a paz com o inimigo commum, chega a ter graça. O exemplo do tratado dos Pyreneus era animador. Estavamos em paz com a Hespanha, no pleno gozo da nossa independencia, e haviamos de ir romper a guerra unica e exclusivamente para servir os interesses de Luiz XIV, que se reservava o direito de fazer a paz sem se lembrar de nós. Pois não!

Em compensação diz o sr. Alfredo Rambaud que fomos na peninsula, durante alguns periodos da Successão, alliados ardentes dos Inglezes e do archiduque Carlos. Podéramos Acha o sr. Alfredo Rambaud que podiamos ver com bons olhos a fundação de uma monarchia que supprimia os Pyreneus, e que unia na defesa dos interesses hespanhoes a Hespanha e a França? Seria insensato o estadista portuguez que encarasse com indifferença a possibilidade da realisacão de semelhante alliança interior entre as duas nações vizinhas.

Accrescenta o sr. Rambaud, a proposito da guerra da Successão, «que alguns dos nossos (dos francezes) mais terriveis golpes caíram sobre elles; foram elles sobretudo que o marechal de Berwik teve de esmagar na batalha de Almanza (1706).»

Isso é perfeitamente exacto; foi o marquez das Minas o general derrotado em Almanza, e foram uns poucos de regimentos portuguezes que caíram prisioneiros. Para ser imparcial porém deveria o sr. Alfredo Rambaud lembrar que, antes d'essa infeliz batalha, o marquez das Minas levára de rota batida o marechal

Berwick, e entrará como conquistador em Madrid, aonde chamou o archiduque Carlos para se fazer coroar rei de Hespanha.

São tantos os erros e as injustas apreciações do sr. Alfredo Rambaud que temos de adiar forçosamente para um segundo e ultimo artigo o resto das nossas observações.

PINHEIRO CHAGAS.

POST MORTEM

Um dia, quando a Morte, a negra fada que ha muito me sorri tragicamente, deixou cahir a foice enregelada sobre este coração triste e gemente;

e arrebatou minh'alma acrisolada á dôr que a vae mirrando lentamente: —vendo a partir do mundo, abandonada, morta a esperança d'este amor ardente,

has de talvez bradar:—«Meu Deus! perdão para esta vil ingrata e miseravel, que foi de um pobre louco a perdição!»

Mas ella, a negra fada inexoravel, ha de apontar-te a sepulchral mansão, co'um gesto mudo, cynico, implacavel!...

SILVA FERRAZ.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

O titulo de visconde de Corrêa Botelho com que Camillo Castello Branco foi agraciado por decreto de 18 de junho de 1885, (1) deu lugar a que o parlamento portuguez, na sessão legislativa d'aquelle anno, prestasse a este eminente escriptor um testemunho nacional de subida consideração, como ainda não havia exemplo nos annos parlamentares de Portugal.

A resolução da camara electiva, tomada na sessão de 26 de junho d'aquelle anno, constitue uma verdadeira apothese em que, para nada faltar que pudesse assemelhar-a aos grandes triumphos romanos, houve duas vozes discordantes, que, fiel chronista do que se passou n'aquelle sessão memoranda, não devemos esquecer.

Tendo-se entrado na *ordem do dia*, o deputado Manoel da Assumpção pediu a palavra e, por parte da commissão de fazenda, mandou para a mesa o parecer relativo ao projecto que dispensava o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos e direitos de mercê pelo titulo com que fôra agraciado.

O mesmo deputado acrescentou:

«O parecer é resumido e breve e por isso pedia a v. ex.ª que consultasse a camara sobre se dispensa o regimento para entrar desde já em discussão.» (Apoiados)

Leu-se na mesa o

Parecer

«Senhores.—A vossa commissão de fazenda considerou o presente projecto de lei, destinado a dispensar o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello, pelo titulo de visconde de Corrêa Botelho, com que foi agraciado, como um testemunho de preito nacional pelo formosissimo talento do brilhante escriptor. Bom é que nos vamos costumando a glorificar o talento e o trabalho, sem esperarmos que a desgraça e a morte os venham santificar.

N'estes termos, é de parecer a vossa commissão que deve ser approved o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' dispensado o escriptor portuguez Camillo Cas-

(1) Attendendo ás qualidades que concorrem na pessoa de Camillo Castello Branco; e querendo dar-lhe um publico testemunho da minha real consideração e do apreço em que tenho o seu distincto merecimento litterario: Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de Visconde de Corrêa Botelho, em sua vida.

O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, etc.—18 de junho de 1885.

A. C. BARJONA DE FREITAS.

tello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello, pelo titulo de visconde de Corrêa Botelho com que acaba de ser agraciado.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.—Lopo Vaz de Sampaio e Mello—Pedro Augusto de Carvalho—Luciano Cordeiro—Correia Barata—Marçal Pacheco—Frederico Arouca—Antonio Maria Pereira Carrilho—A. C. Ferreira de Mesquita—Pedro Roberto Dias da Silva—Filippe de Carvalho—Augusto Poppe—João Ferreira Franco Pinto de Castello Branco—Antonio J. Lopes Navarro—João Marcellino Arroyo—José Maria dos Santos—Manuel d'Assumpção, relator.»

Dispensado o regimento, entrou em discussão.

Foi a palavra brilhante do sr. Antonio Candido, uma das de maior auctoridade litteraria n'aquelle camara, a primeira que se fez ouvir:

O sr. Antonio Candido:—«Eu tive a honra de assignar o projecto que o meu distincto amigo, o sr. Arroyo, acaba de mandar para a mesa.

Não me levanto para o defender, ninguem se lhe opporá; estou certo que a camara, sem distincção de partidos ou de escolas, aproveitara esta occasião para render ao eminentissimo escriptor uma justa homenagem de consideração pelo seu genio litterario e pelas grandes qualidades do seu espirito.

A mercê regia, que acaba de ser feita a Camillo Castello Branco, deve ficar assignalada pela cooperação do parlamento. (Apoiados.) E' um acto de justiça, puramente.

A politica, no seu significado mais alto e mais complexo, abrange todas as formas do progresso nacional, e uma d'estas formas é a arte, com certeza a mais bella e, talvez, a mais moralisadora de todas. (Muitos apoiados.)

Camillo Castello Branco é um artista de raça. A sua obra é assombrosa, genial. As maiores nações da mundo honrar se-iam de ter este escriptor entre as suas primeiras glorias. (Muitos apoiados.)

Mas não é momento azado para fazer a critica de Camillo Castello Branco, nem eu, o mais obscuro admirador e discipulo d'elle, seria competente para a tentar. O futuro ha de fazer-lhe inteira justiça, reconhecendo que na seu grande espirito ha vivas similhanças da fecundidade e do brilho de Alexandre Dumas, da observação e da analyse de Balzac, e d'esse duplo poder do riso e das lagrimas, que assignala o extraordinario humor de Henri Heine, e é o grande relevo artistico da obra de Charles Dickens. (Muitos apoiados.)

O visconde de Castilho dedicou-lhe uma das suas admiraveis traducções, proclamando-o *principe dos classicos portuguezes*. O velho e glorioso poeta nunca foi mais justo. Ainda não houve quem exemplificasse tão poderosamente a força, a graça, a maleabilidade e opulencia da nossa lingua, em livros que hão de ficar para sempre. (Apoiados.)

O parlamento, fazendo-me a honra de applaudir calorosamente as minhas palavras, confirma a confiança que eu tinha na sua disposição de cooperar na mercê feita ao grande romancista portuguez, mestre incomparavel da nossa lingua. (Muitos e repetidos apoiados.)

O sr. Simões Ferreira:—«Tenho a convicção de que o pouco que vou dizer não influe absolutamente nada na votação que ha de ter este projecto. E não tomaria a palavra se houvesse de recair sobre elle votação nominal, porque n'este caso limitava-me a votar expressamente contra elle.

Não a havendo, como todas as conveniencias aconselham, entendi do meu dever não ficar silencioso, não só para fazer declaração de voto, mas para dizer a razão que em mim impera para assim proceder

Sr. presidente, o facto de serem agraciados com mercês honoríficas alguns homens de letras não é novo entre nós, e eu não tenho nada a estranhar que o governo agraciasse com o titulo de visconde de Correia Botelho o sr. Camillo Castello Branco. E' novo, porém, que a essa graça, de pura iniciativa e responsabilidade ministerial, se acrescente outra, a que este projecto significa, a qual envolve a responsabilidade do parlamento, e por consequencia a da nação que elle representa.

Eu tenho pelo sr. Camillo Castello Branco a minha opinião formada ha muitos annos. Sou admirador dos seus escriptos, e quasi posso dizer que fui creado com elles; mas, desde que n'este paiz homens tão distinctos, como Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho, foram agraciados com titulos iguaes ao que acaba de ser concedido a Camillo Castello Branco, e não tiveram esta distincção, eu não posso votar o projecto que se discute, sem que esta minha resolução deprima em cousa nenhuma o merecimento litterario de Camillo Castello Branco. Não comparo, mas approximo.

Nós não estamos aqui para apreciar o merecimento litterario de ninguem, e já outro dia um illustre deputado da maioria, tratando-se de Victor Hugo, disse que nós não constituimos uma academia onde se aquilatem merecimentos litterarios.

Que as academias deem ao sr. Camillo Castello Branco todas as distincções, de accordo; mas nós, representantes da nação, só podemos dar distincções aos homens que tenham concorrido para melhorar o estado moral e intellectual da sociedade, e,



PONTE PENSIL DO DOURO

1753

para mim, o merecimento de Camillo Castello Branco está, sob este ponto de vista, abaixo do valor que reputo indispensavel para justificar esta prova publica da gratidão nacional. Para se abrir um precedente d'estes, é preciso que haja razão superior para o fazer. E penso que não ha.

Além de que, Camillo Castello Branco é bastante brioso para aceitar o favor que se lhe vae fazer, e que para muita gente póde significar apenas um favor de dinheiro.

Por estas razões declaro que voto contra o projecto, sem querer significar com isto, repito, que tenho em menos conta o merecimento litterario de Camillo Castello Branco. Tenho dito.»

Comquanto fosse politicamente melindrosa a posição do sr. Antonio Candido n'este debate, pois que tinha de impugnar a opinião emittida por um seu correligionario, a resposta do eloquente orador não se fez esperar.

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.

A TELEGRAPHIA NO AMOR

Rémy de Saint-Remin era um mau marido, como ha muitos, enfasiado da esposa, que tinha espirito, e preso a uma aventura tola, ignorante e feia. . . .

A mulher, bonita e bem educada, não fôra bastante habil para poupar a vaidade do marido.

Ingenuamente, abandonara-lhe, logo desde o primeiro dia, o seu espirito, como tudo o mais; Rémy, nutrindo desconfianças contra a pessoa que não lhe era inferior, voltara-se, ainda em plena lua de mel, para as mulheres estupidas, que o deixavam acreditar, sem restricções, no seu hypothetico genio.

A pouco e pouco, os horisontes conjugaes fôram-se turvando. Ao cabo de dois annos de uma união esteril, a perspectiva de um divorcio amigavel sorriu aos dois esposos, já separados.

Antoinette Rémy, não tinha, aparentemente, a menor razão de queixa contra seu marido.

Elle não lhe batera, e, se libava os capitosos filtros do amor illegitimo, nem por isso escandalisava a moral publica.

Madame Rémy não poderia, por mais que quizesse, allegar afim de obter a separação judiciaria, a menor prova authentica,

Assim, tanto por bom senso como por prudencia, Antoinette absteve-se. Declarou pois que desejava regressar á provincia e voltar para o seio da sua familia, deixando ao marido a liberdade de continuar a sua vida airada.

No acto de se despedirem, a joven e espirituosa senhora disse ao imbecil, que a desconhecerá:

—Meu amigo, tivemos a felicidade ao alcance da mão, mas segundo parece, faltou-nos o appetite. Creio que ainda um dia, esse appetite ha de voltar. A mim não me faltou nunca. Não colloquemos pois entre nós o irreparavel. Quando se sentir cansado da sua solidão, lembre-se de mim.

*

Vexado com as reflexões que lhe submettiam, o marido declarou que nutria todo o indispensavel appetite para fazer as honras a um amor menos exigente, menos precioso, e que se ella insistisse em abandonal-o, nunca mais o tornaria a ver.

A esposa sorriu-se, com o mysterioso sorriso da Joconda. Em seguida, partiu para casa de seus pais, e durante dois annos, nem um signal, por mais indirecto que fosse, nem uma palavra, intencionalmente repetida, chegaram aos ouvidos do marido, ou tentaram, por qualquer forma, despertar-lhe saudades ou remorsos.

Elle divertia-se doidamente, como se divertem os que se aborrecem. Não era rico, e dispendia a sua limitada fortuna com a escrupulosa prodigalidade de um tolo á moda, que se julga obrigado a arruinar-se pelos bonitos olhos de uma costureira.

Um dia, resolveu ir caçar em uma das suas terras, em Asnières.

*

A caça ministrou-lhe apenas distracções vagas e fadigas evidentes; moido, estafado, Rémy lembrou-se uma manhã de certa loira, um pouco menos odiada do que as outras amantes; julgando que a amava, expediu-lhe um telegramma, annunciando-lhe o seu regresso a Paris, e convidando-a a vir reunir-se-lhe ao Grand Hotel, tomando para esse effeito o nome da esposa legitima.

No dia e hora indicadas, Rémy de Saint-Remin apeava-se á porta do Grand Hotel e pedia um quarto.

—A senhora já chegou, respondeu-lhe o mordomo.

Surprehendido com uma tal pontualidade, á qual a caprichosa Georgette não o tinha habituado, Rémy exultou e apressou-se a subir ao quarto do rendez-vous.

Entrou, de braços abertos, e achou na sala uma mulher bonita, sua mulher, que lhe sorriu e o saudou com um:

—Bom dia, meu amigo!

Estupido, atarantado, Rémy balbuciou:

—A senhora aqui? Como se entende isto? quem a preveniu?

—O acaso.

—Não creio no acaso.

—Quem sabe? talvez obra da menina Georgette! . . .

—Oh! se assim fosse! . . .

—Pergunte lh'o. O que lhe posso assegurar é que vim chamada por um telegramma, endereçado ao meu nome e morada.

—A sua morada! Ignoro onde é!

—Devemos então acreditar em um caso de suggestão, de hypnotismo?; mas aqui está o telegramma em que o senhor me dizia:

«Querida, não posso viver sem ti; chegarei a Paris a 25. Rendez-vous no Grand Hotel. Se chegares primeiro, toma quarto, dando o meu nome, madame Rémy de Saint-Rémin.»

—E' exacto, é exacto, murmurou o desgraçado marido, confundido ao ler o telegramma. Voltou-o e tornou-o a voltar em todos os sentidos, quando reparou que o telegramma não tinha a data da terra para onde fôra expedido.

—Que significa isto? perguntou. Expedi o telegramma para a estação de X. . . e elle vae parar á estação de L. . . , a trinta leguas de Paris? Tem a bondade de explicar-me esta anomalia.

*

A mulher sorria-se escutando-o, com o sorriso da Joconda.

Depois de o fazer esperar uns segundos pela resposta, disse-lhe com uma gravidade terna na voz:

—Meu amigo, quando nos separámos, o senhor não me offereceu, o que de resto não accitaria, uma mesada para minha subsistencia. Não quiz dever a independencia, que outr'ora me fôra dada pelo senhor, senão a mim propria.

Pensei que economizando o meu dote, crearia um fundo de recursos, que lhe poderia ser util, dada a hypothese de tornarmos a reunir nos.

Sollicitei um emprego, e como meu pae tem bastantes amigos, obtive o logar de telegraphista, em L. Affirmo-lhe que sou um empregado modelo e que é esta a minha primeira falta. Ao receber, para o transmittir, o seu telegramma, fiquei commovida, invejei a menina Georgette, e resolvi guardar a prova notoria da sua infidelidade. Mudei o endereço e tomei, como se fosse para mim, rendez-vous, que o senhor dava á sua amante, auctorizando-a a servir-se do meu nome e do meu titulo; estava ou não no meu direito?

—Mas a senhora trahio por esse facto o seu dever profissional.

—Vá denunciar-me, se é capaz! Faça que me demittam, e verá como se rirão á sua custa!

—O seu procedimento é indigno!

—Indigno de quem? Do senhor de certo que não, visto que commetteu uma traição muito mais grave. De mim? Confesse que a manobra foi habil. Quanto á menina Georgette. . .

O marido fez um gesto, que equivalia a supprimir Georgette. Encarou sua mulher, mais bonita do que nunca, depois de dois annos de separação. Achou-lhe nos olhos uma gentileza honesta e commovente.—Comprehendeu que seria um rematado tolo se não aproveitasse o tentador ensejo.

Sorriu e ajoelhou, implorando:

—Perdoe-me, minha amiga, e seja até ao fim uma mulher de espirito.

Ella estendeu-lhe a mão.

Rémy apertou-lh'a, e esse contacto acabou de aquecer-lhe o coração.

—Sente appetite? perguntou fixamente, recordando a expressão com que se haviam dito adeus.

—Morro de fome, acudiu a sr.^a de Saint-Rémin com um olhar languido.

—N'esse caso, jantemos!

O jantar foi alegre. A' sobrezeza, a esposa, assentada nos joelhos do marido, disse:

—Tinha-te prevenido de que o appetite voltaria. Sinto-me disposta á indulgencia.

—Ah! se tu subesses como são ephemeros os falsos gosos com que pretendemos apagar as recordações felizes!

—Bem sei.

Rémy tomou sua mulher nos braços, e segredou-lhe em um beijo:

—Vamos escrever a demissão.

—Qual? A da menina Georgette?

—Essa é inutil. A outra.

—Já a mandei, logo que me ausentei do meu posto.

—Estavas pois bem certa do resultado?

—Sim!

—Essa convicção era humilhante para mim.

—Não, meu querido imbecil, equivalia ella á maior prova de



UM RETOQUE AUDACIOSO

(QUADRO DE BEJARANO)

apreço que poderia prestar ao teu coração, conhecendo-o melhor de que nunca tu o conheceste.

LUIZ ULBACH.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONSENHOR MARÉCHAL

Monsenhor Maréchal, bispo de Laval, (França) falleceu em 22 de setembro ultimo, victima da ruptura d'um aneurisma, deixando uma grande reputação de virtude e de eloquencia.

Era um homem novo ainda, sympathico e intelligentissimo, e acabava de tomar posse do episcopado quando a morte o prostrou para sempre.

Monsenhor Maréchal tinha sido cura de Corbeil e professor em Notre-Dame-des Champs.

PONTE PENSIL DO DOURO

A gravura que hoje damos representa a ponte pensil do Douro, a cuja demolição o governo mandou proceder, substituindo-a pela ponte chamada de D. Luiz I.

A antiga ponte pensil que está sendo demolida, fôra aberta ao serviço publico em 17 de fevereiro de 1843. Elevava-se 10^m sobre o rio, tinha de comprimento 170^m,14 e de largura 6^m, com passeios aos lados, da largura de 1^m cada um, e descansava sobre quatro obeliscos de pedra, de 18^m de altura, dois de cada lado.

O pavimento da ponte estava suspenso de oito amarras, quatro por banda, feitas com duzentos e vinte fios de ferro cada uma. Os fios não eram torcidos, estendiam-se inteiros de lado a lado, reunidos em forma cylindrica por ligaduras tambem de fio de ferro muito rijo. E essas amarras, passando por cima dos obeliscos, iam entrar em poços abertos verticalmente na rocha viva, com a profundidade de oito metros do lado da cidade e de quatorze do lado da villa. Cada amarra pesava seis mil kilogrammas.

As guardas dos lados eram feitas de troncos quadrados de carvalho, de 1^m,50 de comprimento, dispostos em cruz e solidamente pregados ao solho da ponte.

O panorama que se gosava do meio da ponte, quer se olhasse para o nascente, quer para o poente, era magnifico. A nossa estampa dá uma idéa approximada d'esse panorama.

UM RETOQUE AUDACIOSO

(Quadro de Bejarano)

Um olhar basta para ficar comprehendido o assumpto d'este quadro, que, se não prima pela originalidade, tem, em compensação, um grande merito na riqueza do fundo e na bem disposta combinação dos accessorios.

N'esta formosa tela a acção principal está subordinada, para o observador intelligente, aos detalhes de effeito, que enriquecem o logar onde aquella se desenvolve.

O buril de Brend'amour respeitou com escrupulosa fidelidade as linhas e os contornos mais finos do desenho. A presente gravura do grande artista allemão é d'aquellas que deixam adivinhar as côres da palheta do pintor, nos sulcos abertos pela incisão xilographica.

MODAS

CHAPEUS

1.º—Pequena capota em feltro côr de rato, levantada em telha na frente. Guarnece a capota, do lado direito, um grande laço de fita picot n.º 12; completa o enfeite um molho de plumas de abestruz, que vem cair na frente, de maneira a acompanhar a telha da capota.

2.º—Chapéu para creança, de feltro «beige», com grande aba prolongada na frente, em bico. Guarnece o alto da copa um laço de fita misturado com uma borboleta de cambraia, applicada em pregas.

3.º—Chapéu touca, de tulle perlado, pregueado na testa. Guarnece o alto da copa um grande laço, do qual immerge um molho de plumas de abestruz.

PAUL BOCAGE

Acaba de fallecer em Paris este distincto homem de letras, antigo collaborador d'Octave Feuillet, Dumas e outros grandes escriptores da França.

Paul Bocage nascera em 1822. Contava, portanto, 65 annos. Sobrinho do celebre actor Pierre Bocage, o fallecido escriptor compoz para elle a sua primeira peça, *Echec et Mat*, drama em 5 actos, em que collaborou Octave Feuillet.

Depois d'esta peça, que foi representada no Odéon a 25 de março de 1846, escreveu ainda com Feuillet um outro drama, *Palma ou la Nuit du Vendredi Saint*, representada na Porte-Saint-Martin, e depois a *Vieillesse de Richelieu*, dada na Comedie-Française, e em que Pierre Bocage desempenhou o papel do protagonista.

Entre outras obras do finado escriptor, citaremos as seguintes: *Une Nuit blanche*; *Le Chariot d'enfant*; *York*, vaudeville; *Romulus*, um acto, em collaboração com Alexandre Dumas; *Le Marbrier*, drama, em collaboração com o mesmo; *Maitre Wolfran*, opera-comica n'um acto; *Janot chez les sauvages*, vaudeville; *L'Invitation à la valse* e *La Question d'amour*, comedias.

Além d'estas producções theatraes, Paul Bocage publicou grande numero de romances.

AS ESTRELLAS

(A Bento Moraes Sarmiento)

Na seara das estrellas Deus andava
A recolher os feixes das estrellas,
E quando a ceifa de oiro terminava
A terra disse:—Leva as noites bellas,

Leva p'ra sempre o esplendoroso encanto,
Os soes, e a fluida languidez do luar,
Que eu em breve, tão rico, hei de lançar
Por sobre a sombra um luminoso manto.

Basta deixar, Senhor! dos Homens vis
Na negrura das fundas desesp'ranças,
A pureza das almas feminis
E a limpidez dos olhos das creanças.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

ESTUDOS DE HYGIENE

VI

Toilette—Emprego dos cosmeticos

(Continuação)

A pelle é um apparelho encarregado de expellir certos principios e de absorver outros. E' por intermedio das milhares de pequenas aberturas de que ella é crivada, e que se chamam poros, que esta dupla funcção se opera.

Deve-se portanto cuidar em que a superficie da pelle esteja sempre bem nitida e lisa. Qualquer obstaculo á sua permeabilidade pode ser, nos nossos climas, causa de grandes perturbações na nossa economia.

O sabonete é, de todos os cosmeticos, aquelle cujo uso se torna mais indispensavel: dissolve as substancias provenientes da pelle e outras quaesquer exteriores, que a sujam e que, na maior parte, são insolúveis na agua ordinaria.

Ha duas especies principaes de sabonetes: os sabonetes a quente e os sabonetes a frio. Só os primeiros offerecem as qualidades desejadas; quanto aos segundos, que são muito causticos, tornam as mãos vermelhas e queimam a pelle, devendo por isso ser banidos.

E' prudente não dar credito a uma infinidade de nomes pedidos por emprestimo ás plantas mais afamadas, taes como a malva, o malvaisco, a alfaca, a tridacia, etc. Estas denominações são outros tantos embustes, como o do sabonete chamado de mel.

Na composição do sabonete de mel entram: sabão escuro, essencia d'alfazema, de thymo branco, de funcho, de cravo da India e de rosmaninho. Tudo isto, e porventura outras essencias, menos mel. Succede o mesmo com os outros sabonetes de toilette que se encontram no mercado.

Devemos pois desconfiar sempre dos sabonetes, e, sobre tudo, das côres que os fabricantes lhes imprimem. O sabonete côr de rosa é colorido com vermelhão,—um sal de mercurio,—e o verde com um sal d'arsenico. De modo que, de cada vez que nos lavamos com estes sabonetes, administramo-nos, sem o pensar, uma loção mercurial ou arsenical. O agente venenoso encontra-se então precisamente nas condições mais favoraveis para ser absorvi-

do, pois que, pelo facto das lavagens para que contribue, os poros encontram-se muito abertos, infiltrando-se por elles uma certa quantidade de veneno.

O sabonete colorido d'amarello não tem estes inconvenientes, porque o sesquioxido de chromo, que entra na sua composição, é inoffensivo.

Ha tambem uma rasão poremptoria para que os sabonetes não contemham o succo de nenhuma das plantas tão pomposamente annunciadas pelos perfumistas: é que os alcalis e as essencias que entram na sua confecção, destroem-n'os.

Não se calcula a quantidade prodigiosa de doenças, muitas vezes gravissimas, occasionadas por esses milhares de cosmeticos baratos, vendidos ahi nas lojas e nos bazares, com o consentimento tacito da policia e dos delegados de saude, que nada fazem para impedir este envenenamento perpetuo!

Nos pós de «toilette», chamados pó d'arroz, o arroz não existe. Estes pós contem, de ordinario, amidon, talco, e carbonato e sulphato de cal aromatisados. O pó d'arroz verdadeiro não se fixa sobre a pelle. Quando alguma vez apparece á venda no mercado, junta-lhe, desgraçadamente, carbonato de chumbo, (alvaiade) que é, como se sabe, um veneno.

Todos os preparados brancos para a pelle contem o alvaiade: os seus nomes de «branco de prata», de «branco de perolas», etc., não passam d'uns nomes de phantasia com que os industriaes illudem torpemente a boa fé do publico.

Ha um unico branco para a pelle, que não é nocivo—o subnitro de bysmutho. Tem, porém, o inconveniente de ser muito caro, enquanto que o alvaiade é baratissimo.

Os preparados cor de rosa e vermelhos contem sulphureto de mercurio.

Um dos primeiros cuidados que se deve ter de manhã com o cabello, é ventilar a cabeça, passar por ella, com força, uma escova, e penteal-a com um pente fino.

E' conveniente usar pommada, mas muito moderadamente, e lavar muitas vezes a cabeça, para evitar o ranço do corpo gorduroso que ella segrega e que, misturado ou combinado com o suor, chega a fazer cair os cabellos como cae uma planta a que apodreceu a raiz.

Evite-se a pintura dos cabellos e da barba. Não ha uma unica tintura para os cabellos que não contenha um sal mineral toxico no mais alto grau, quasi sempre o chumbo.

Ha mil exemplos de pessoas que tem morrido, por pintarem o cabelo. O doutor Wetherwax, medico de Jowa, morreu de intoxicção saturnina produzida lentamente pelo habito de pintar a barba e os cabellos. Este medico tingia-os quotidianamente, havia quatro annos, embora sentisse fortes dôres por elle mesmo comparadas á colica de chumbo, que o aconselhavam a abster-se de taes tinturas.

A autopsia e a analyse chymica a que se procedeu, fizeram reconhecer a presença do chumbo no figado e nos rins.

O uso dos pentes de chumbo é, tambem, muito pernicioso.

Os effeitos d'estas drogas produzem-se com mais ou menos lentidão, mas são sempre fataes, consistindo na ruina da saude, na perda da memoria, no enfraquecimento da vista e do ouvido, e na perda da intelligencia, precedendo a morte.

Em todas as casas religiosas onde a regra exige o corte dos cabellos á escovinha, na Trappa, por exemplo, o enfraquecimento prematuro da vista é um facto de tal modo constante, que passou ao estado de observação vulgar. Além d'este effeito, notam-se ainda outros: dôres de cabeça, de garganta e de ouvidos, e sempre o enfraquecimento do cerebro.

As pessoas costumadas a usar a barba crescida, quando um dia a cortam completamente, experimentam logo dôres de dentes, d'ouvidos e de larynge.

O melhor liquido que pode empregar-se, nos cuidados da toilette, para corrigir a crueza da agua ordinaria, é a agua de Colonia, mas a agua de Colonia de boa qualidade e não aquella em que se acha dissimulado um sal de chumbo.

Quando não ha agua de Colonia verdadeira, empregue-se simplesmente o alcool.

Ha alguns annos encontra-se no mercado um agente novo, que a experiencia mostrou dever substituir com grande vantagem todos os preparados de perfumaria destinados á agua de toilette: é o phenol.

O phenol é um derivativo do alcatrão. O seu cheiro pode não agradar ao principio, mas depressa nos habituamos a elle, acabando por preferir-o a muitos outros.

Emprega-se o phenol, misturando uma ou duas colheres d'esta substancia na agua de toilette.

E', tambem, o melhor de todos os dentifricos e de todos os desinfectantes.

O MEU AMIGO FERNANDO

—Que profundas miserias alastram por essa cidade! Londres, a propria Londres das grandes praças e dos grandes vicios não encerra nas suas viellas tantos quadros de nudez e de fome. A pobreza de Londres tem a sua origem principal no vicio. A pobreza de Lisboa tem por causa primaria a pobreza. Além, não se trabalha por habito. Aqui, escasseiam as offiinas e os braços sobram.

E, ao dizer estas palavras em tom compungido, o meu amigo Fernando fez um gesto largo, como se quizesse abarcar a humanidade com a sua maldição silenciosa.

Este Fernando é um revoltado, um pessimista, e um sonhador de equilibrios sociaes. Na sua phantasia de poeta e de reformista viu ella, entre miragens, o desenho de um novo Eldorado. Mas o mundo não se endireitava, os homens continuavam sujos de egoismos, a liberdade permanecia um mytho, a Iheia estendia os pulsos aos ferros da sujeição, e a Revolução, a grande, a santa, a desejada Revolução não vinha dar ao occaso do seculo apodrecido a sua luz rubra, a sua luz vivificante, a sua luz purificadora: e elle tornou-se desde então o que hoje é—um triste, um desanimado, um descrente, sem fé, sem esperanza, um chorador ás vezes, um irritado quasi sempre.

Inutil será dizer que emprestei áquella tirada uma attenção profundamente mediocre. O meu espirito viajava airoso ás ondas rumorosas d'uma praia de banhos, depois de pairar enlevado por sobre as ramarias silenciosas do Bussaco.

—Ouviste?

—Ouvi. Continúa. Mas desde já te previno de que o Bussaco é mais hygienico.

Elle é que não me ouviu: continuou discorrendo, discorrendo largamente sobre instituições, sobre monarchias, sobre leis a refundir, sobre o chicote dos capitaes, sobre classes trabalhadoras, sobre as raças degeneradas, sobre decadencias, ao passo que eu retomava o vôo por esses ares fóra, protestando *in mente* contra os raios que nunca descem a proposito.

—Ouviste?

—Oh! sim... ouvi. Deve ser isso... exactamente... Tem muita razão...

—Pois bem. Seria preciso encontrar um homem.

—Ahi de certo...

—Um homem que fosse ao mesmo tempo Bonaparte, Marat e Robespierre, Torquemada, e Christo... Percebes?

—Percebo. Pois não hei de perceber? Ora essa!

—Um homem que tivesse a força de Samsão, uma parte do craneo do Pombal e a ferocidade de Nero.

—Exacto. Um chefe...

—Sim, um chefe!

—Uma cabeça...

—Sim, uma cabeça. E então os povos emancipar-se-iam dos tyrannos, da Igreja, da treva. Das ruinas surgiria uma nova terra de promissão, e nós caminharíamos para o Ideal, o bello Ideal... irmãos nas mesmas aspirações, irmãos na mesma communhão de pensamentos.

O meu amigo Fernando nunca de certo recebeu tão entusiastico *shake-hands* como o que lhe dei!

Racnei depois um passo e encarei o de frente. Soberbo! estava soberbo! Os punhos cerrados, a bocca desdenhosa e contraída, e tronco inclinado para a frente, os olhos accessos como dois carvões *idem* cravados na noite, n'um ponto vago, o Fernando dava bem a estatua d'um dominador do mundo.

Tocára o auge a irascibilidade inspirada d'aquelle craneo em que fervilhavam planos, arrojados, projectos de gigantes, hecatombes, e renascimentos salutareos entre-sonhados.

—Eh! Correio da Noite e Novidades!

Voltei-me. Um rapazito microscopico passou correndo como um furacão, ao longo do passeio, até se perder lá em baixo na rua do Alecrim.

Porque nós estavamos na rua do Alecrim, ao pé do muro da igreja, beijados pelo gaz da esquina e por uma aragemista muito suave que vinha dos lados de S. Roque. Em frente abriu-se uma porta impetuosamente, para deixar sair um grande formigueiro de garotos, sobraçando grandes massas alvejantes de jornaes, e que debandaram n'um momento: eram os distribuidores do Correio.

—Vés essas creanças? Hoje são aquillo—escravos do trabalho, escravos da miseria. Amanhã serão os soldados da grande Idéa, os carrascos do despotismo, os porta-bandeiras da Verdade, depois de cantarem ao pé dos patibulos o *ca-ira* da revolução futura. As sociedades oscillam, o despotismo empallidece: é que na sombra vae-se minando o abysmo que tragará todas as podridões.

O povo há de erguer-se um dia como um só homem, impellido pela mesma mola, e o sol da liberdade virá illuminar em cheio as almas dos crentes, dos poucos que ainda restam e que não se rejaram nunca no lodo dos servilismos...

No entanto, no meio negro do azul, as estrellas tremelica-



N.º 2



N.º 1



N.º 3

vam como lagrimas de luz prestes a tombar, parecendo quere-
rem parodiar uns arripios que deslisavam ao longo da minha po-
bre epiderme.

Esse toque de clarim despenhou o meu espirito das regiões
afastadas até onde se librara, para seguir em linha recta a di-
recção do meu lar quente, em que não haveria guilhotinas, nem
ideias fernandinas.

—Dás licença, sim? Vou-me embora. Estou ainda conva-
lescente... O ar da noite... sabes?

Elle não respondeu. Passára-lhe o periodo agudo da enthu-
siasmite. A espinha curvou-se e de novo, os braços penderam-
lhe ao longo do corpo esguio, e o seu olhar febril amorteceu-se,
caiu para as pedras da calçada, ao passo que um grande suspiro
fazia voltar a cara a uma fragil colossal que passava.

Fôra-se um periodo: voltava outro—talvez o periodo das lagri-
mas, das tristezas, das geremiadas.

—Dás licença... hein?

—Ta desces?

—Desço.

—Está bem: eu acompanho-te.

E desciamos juntos a rua, lado a lado, silenciosos, vagarosa-
mente, elle absorto, eu tremendo de frio e... de medo.

Lá em baixo parámos.

—Então, adeus...

E estendi-lhe tres dedos gelados.

—Adeus... Ouve ainda. Queres ouvir? Eu queria dizer-te...

—Pois sim: dize. Essa é boa! Porque não has de dizer?...

O Fernando olhou em volta, e depois, curvando-se sobre o
meu hombro, muito confidencial, como se fosse confiar-me algum
segredo terrivel, murmurou-me ao ouvido:

— Queria pedir-te cinco tostões emprestados. .

*

De ali por segundos elle sumia-se pelas escadinhas do *Cata-*
Que-Farás e eu surprehendia-me repetindo estas palavras:

«Que profundas miserias se alastram por essa cidade!...»

LORJÓ TAVARES.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada em losango

(Ao ex.^{mo} sr. João Corrêa Garcia da Trindade)

E' vogal: attenção p'ço
Para aqui criada ver;
E agora lhe arremesso
Com amor: se lh'o quer ter...
Mas cautella... é de metal
Que se encontra n'um poema
Terminado por vogal.

J. SOARES.

Charada conimbricense

A primeira
Vertical,
Ha a bordo
Mesmo equal.

E' cidade,
Por signal,
A segunda
Vertical.

A segunda
Hor'sontal,
Do Brazil,
Animal.

Vê em vela
—Já declaro,—
A hor'sontal,
Prima, é claro.

E em seguida,
Na priminha
Diagonal
Vê barquinha.

E' raiz
Afinal,
Que é segunda
Diagonal.

MATHEUS JUNIOR.

Charada-mappa

3	3	Utensilio
3	3	Moeda
Plural	Prata	

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Logogrifo

(Retribuição a Matheus Junior)

Senhor: agradecendo a vossa offerta,
Eis-nos presentes.
Lembrámo-nos ha pouco, em hora certa,
Fazer um logogrifo endiabrado,
D'estes valentes.
Corremos todo o mundo, lado a lado,
O mundo inteiro;
Porém, apenas vimos affastado
Um estrangeiro.—4, 4, 5, 6
Do nascente ao poente e norte a sul
Nós achámos tambem a saliencia,—3, 2, 7, 8
Mas com sciencia.
Regressámos á patria contristados:
Nada tínhamos bom para lhe dar
Em troca do charuto... do manilha,
Que o collega nos veio offerar.
Receba, pois, accete de bom grado
Esta boquilha.
Mas não deve dizer-nos: obrigado!

Porto.

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

Enigma

(Aos ex.^{mos} charadistas, Antonio Rodrigues Brancal e Matheus Junior)

Retribuição e agradecimento

Mil negocios tem prendido
De todo minha attenção,

A ponto de andar fugido
D'esta int'ressante secção.

E se hoje lhes appareço,
E' só para agradecer
Offertas que não mereço
E que nunca hei de esquecer.

Ora pois... retribuindo
Finezas tão valiosas,
Principio assim, sorrindo
Das dadivas primorosas.

E digo que quatro letras
Tem este todo, não mais;
Porém, se usarem lunetas,
Cincoenta e tres lhe contaes!

Syllabas duas só tem,
E coitada da primeira,
Que vive cá sem ter mãe,
Como lá a derradeira!

Por letras agora vae
Uma nova explicação:
D'um santinho a prima sae
Por ter grande devoção.

E se a segunda lá fóra
Indica admiração,
Pode a tertia n'esta hora
Valer mais d'um quarteirão!

A quarta, porém, leitor,
Vaes vel-a, niuguem duvida,
Ou no principio do amor,
Ou nos fins da tua vida!

Se d'este imbroglio damnado
Cincoenta lhe tirarem,
O seu todo bem irado
Sôa nas tres que restarem!

Se precisa mais clarão
Para o todo decifrar,
Supprima a final, e então,
Luz terá para o guiar.

Qu se quer, supprima a prima,
D'uma forma bem gentil,
Para que s'encontre em rima
Uma planta do Brazil.

Muitas mais combinações
D'este meu todo faria,
Se não fosse uns cachações
Que apanhei de minha tia.

Por isso vou terminar,
E n'um instante, depressa,
Para não 'star a massar
Quem sente dor's na cabeça.

Escusava dar conceito
D'este meu todo em questão;
Mas emfim, vai a preceito:
N'elle tenho o ganha-pão.

E apesar do resultado,
Que obtenho d'este todo,

Esmago-o qual cão damnado
Trazendo-o sempre no lôdo!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Decifrações

DAS CHARADAS: —Bruxaria—Maracajá—Marecage.
DO L' G. GRIPH: —Antonio Rodrigues Brancal.

A RIR

Calino vae baptisar o sexto filho, que, por um mysterio que só a esposa poderá decifrar, nasceu mulato.
O prior da freguezia pergunta-lhe, muito admirado, a rasão d'aquelle phenomeno, e Calino responde, imperturbavelmente:
—E' que eu e minha mulher estamos de luto.

UM CONSELHO POR SEMANA

AGUA DE SELTZ

Enche-se uma garrafa d'agua e junta-se 4 grammas de acido tartarico e 4 de bicarbonato de soda, tudo em pô.
Rolha-se e agita-se. Ao fim de 15 minutos pôde beber-se.
Usa-se simples, ou junta-se a qualquer xarope, dando-lhe um gosto semelhante ao Champagne.

O FILHO PRODÍGO

Januario Martins era um rapaz da provincia, que viera para Lisboa animado das melhores ideias de concluir os preparatorios que o habilitassem a seguir um curso superior.

Seus paes, possuidores de uma rasoavel fortuna, desejando guindal-o ao que elles julgavam ser o pinaculo da sabedoria humana—o bacharelato—tinham applaudido o proposito do rapaz, e antegostavam já, cheios de jubilo, o momento em que o filho, exhibindo a carta da sua formatura, e apropinquando-se para roer os ossos do orçamento, podesse dizer de si, como o poeta:

Sou, como toda a gente, um bacharel formado.

Coitados! Elles ignoravam quanto são vulgares as historias d'estes jovens pimpolhos sertanejos, que, transplantados assim da vida bucolica dos campos para a existencia corrupta das grandes cidades, acabam por se perder, exactamente como uma planta de estufa, que imprudentemente expozessem ao rigor das intemperies.

Nado e creado n'uma obscura aldeola, a sombra amiga das arvores do seu hortejo, o Januario, assim que poz pé na capital, sentiu-se litteralmente deslumbrado com o aspecto—novo para elle—das cousas e das pessoas, que aos seus olhos de provincia-no ingenuo attingiam proporções da mais desmesurada grandeza.

Tudo que via tinha para elle o sainete de uma novidade irritante. Arregalando muito os olhos, n'uma attitude alvar e lórpa, admirava extasiado as exposições das *vitrines*, seduzido pelos milhares de bugigangas que o progresso não levara ainda ao seio casto do seu torrão natal.

O bulicio da cidade, o ruido e a animação da vida commer-

cial, da vida industrial e da vida elegante, punham-lhe a cabeça doida, ao mesmo tempo que o encantavam. As longas filas de casas, geometricamente alinhadas nas ruas populosas da Baixa—miseras gaiolas onde o lisboeta definha respirando um ar infecto, coado através de saguões immundos e soturnos—affiguravam-se-lhe, desde a loja até ás trapeiras dos quintos andares, a ultima palavra da architectura urbana em requintes de bom gosto e de elegancia. Por toda a parte lhe invadiam os pulmões uns sopros pestilentos, e comtudo não suspirava pelas brisas tonificantes e saudáveis da sua aldeia, impregnadas dos aromas acres dos campos. Isto—pensava elle, levando involuntariamente o lenço ao nariz—é de certo o sopro da civilização em que fallam os artigos dos jornaes. Oh! como a cidade é elegante, moderna, distincta, e como ha-de ser bom viver-se aqui...

Finalmente abriram as aulas. O rapaz era dotado de uma intelligencia tacanha e muito pouco propensa para o estudo. Os livros fatigavam-n'o e aborreciam-n'o, e era com olhares de inveja que elle encarava os elegantes ociosos que, ás portas das tabacarias e dos cafés, discutiam acaloradamente, com poses estudadas, de uma pretensão muito ridicula, os acontecimentos palpitantes do dia, ou os que passavam, garbosamente montados nos seus cavallos, que faziam curvetejar n'uma ostentação espalhafatosa de *gentlemen* consumados.

Entretanto, como é natural, sentia-se ainda constrangido n'este novo meio a que não estava habituado. Ruborisava-se todo quando, ao passar junto de algum grupo estacionario, ouvia o estalar de alegres gargalhadas de que lele julgava ser alvo a sua *gauloise* de provinciano; e era com uma timidez receiosa que uma vez ou outra se atrevia a seguir no rastro de alguma comparsa de theatro, ou de alguma peccadora gentil, cujo typo desenvolvido, rescendendo essencias penetrantes, accendia em desejos a sua ardente animalidade juvenil.

Pouco a pouco, porém, foi-se acclimando, e, cada vez mais desejoso de ser admittido ao convívio d'aquella sociedade mesclada, cuja existencia se lhe afigurava a melhor das existencias possíveis, tratou de adquirir relações com alguns jovens, conhecidos no mundo da bohemia elegante.

Foi-lhe facil o accesso. Como dispunha de cabedões pecuniarios, e se mostrava disposto a desbaratá-los prodigamente, cercaram-n'o desde logo amigos serviçais, que viram no pobre Januario uma boa mina a explorar em proveito das suas viciosas estroinices.

Era de ver como todos se mostravam sollicitos em obsequial-o, em aconselhá-lo, com uns certos ares de superioridade protectora; e como nos jantares e nas ceias, que elle pagava como generoso amphytrião, o victoriavam com phrenesi, emborcando os copos cheios e despejando-os de um trago. De modo que, ao

cabo de mez e meio, o Januario estava lançado, frequentava os *restaurants* da moda, jogava o bilhar, apertava a mão familiarmente a toda a rapaziada fina, e amava perdidamente uma hespanhola de talhe elegante, rosto empastado em *cold-cream* e um signal preto na face esquerda.

Escusado será dizer que, no meio da turbilhão da vida airada que encetára, o Januario nem sequer pensou mais em abrir os livros. Nas aulas ninguem o tornou a ver. Entretanto ia informando o pae dos magnificos resultados obtidos nos seus trabalhos escolares; e o pobre velho, acreditando piamente no que o filho lhe dizia, sentia-se desvanecido e vaidoso com tamanhos progressos, e enviava-lhe todo o dinheiro que elle lhe exigia.

D'este modo a vida do Januario corria n'uma verdadeira delicia, alimentada pelas repetidas sangrias na bolsa paterna.

O pobre homem, porém, apesar da sua nimia boa fé, começou um dia a desconfiar de tantos gastos, que o rapaz tentava justificar com variados pretextos. Custavam tão caros os livros! E depois as matriculas, os honorarios aos explicadores... Tudo um dinheirão louco!

E assim ia dissipando, no credulo espirito dos paes, o receio que começava a aterral-os de que o filho se lançasse de corpo e alma nos abysmos da perdição.

Sucedeu, porém, vir um dia a Lisboa um velho amigo da familia do nosso heróe e dar com elle n'uma frisa da Trindade, ao lado da hespanhola. O Januario exhibia-se em toda a parte em companhia da amante, com um descaro impudente que indigna-

va sobremaneira os paes nobres d'esta comedia social, os quaes, só no recesso mysterioso dos *boudoirs* elegantes, ousam manifestar a sua paixão por alguma d'estas tentadoras flôres do asphalto. O rapaz occultou-se o melhor que pôde, das vistas indiscretas do seu conterraneo, mas este expediente de nada lhe serviu. Attonito perante um escandalo d'esta ordem, o bom do provinciano benzen-se, e quando voltou para a terra tratou de narrar minuciosamente o que vira, e de aconselhar providencias energicas, tendentes a cohibir tão viciosos desmandos.

Os paes do Januario não queriam acreditar em semelhante cousa, mas tiveram de ceder perante as affirmativas cathgoricas do seu velho e dedicado amigo. Começaram então os conselhos, em seguida as admoestraçãoes, e finalmente as ameaças; mas como tudo fosse baldado, pae e mãe concordaram muito terminantemente em que era necessario d'alli em diante suspender todas as remessas de dinheiro, e intimar o filho a que voltasse sem delongas para casa, pois preferiam vê-lo ignorante, mas honesto e puro de sentimentos, a vê-lo sabio, mas perverso e contaminado pela lepra dos vicios.

Não obstante o Januario, cada vez mais enleiado pelos encantos da sua bella, foi-se deixando ficar, recorrendo a todos os expedientes possíveis e imagináveis para obter dinheiro com que fizesse face ás exageradas despezas da sua vadiagem faustosa. Começou então para elle uma existencia difficil, cortada de decepções, convulsionada de luctas intimas. Entretanto não descoraçou. Alcançando de caturrices as apprehensões paternas, e protestando a sua innocencia e o seu aproveitamento nos estudos, pedia, com lagrimas, que lhe não cortassem, por causa de uns receios pueris, a auspiciosa carreira que encetára. Porém as suas supplicas e os seus protestos iam desfazer-se de encontro á inabalavel indignação de seu pae, do qual não conseguiu obter nem mais um ceutil.

D'esta forma as suas difficuldades pecuniarias tornaram-se insuperáveis. Os agiotas retrahiam-se, e, por um excesso de cautella, recusavam-se a fazer adiantamentos sobre a presumptiva herança do rapaz. Quanto aos amigos, esses começaram logo a abandoná-lo, e alguns, quando succedia encontrarem n'o, fingiam até que o não viam.

Ao mesmo tempo o amor da hespanhola esfriava cada vez mais, metamorphose esta que muito surprehedia o pobre e ingenuo provinciano. Chegou afinal um dia em que elle se viu completamente sem recursos.

N'esse dia a salerosa filha da Andaluzia, conhecedora do estado financeiro do seu adorador, recusou-se formalmente a recebê-lo em sua casa. Elle ainda tentou alguns esforços para a convencer de que o amor e uma cabana eram as cousas mais deleitosas d'este mundo, mas pelos modos a hespanhola divergia d'estas ideias, e persistiu na sua obstinada recusa.

Pobre Januario! Vendo desabar, de um modo tão intempestivo, as suas douradas illusões, teve remorsos do seu procedimento; e reconhecendo quanto eram justas as reclamações de seus paes, que elle, na sua desvairada loucura, desattendera, tomou um expediente heroico. Vendeu os livros e com o producto comprou um bilhete de passagem, em segunda classe, para a sua terra, resolvido a desistir de vez das suas pretensões amorosas... e das suas pretensões academicas.

Imagine se com que alegria elle não seria recebido! No meio do seu transporte effusivo, o pae ainda arriscou alguns ralhos mais asperos; a mãe é que só teve para o filho palavras doces e insinuantes, repassadas da mais infavel indulgencia.

O rapaz já não parecia o mesmo. Voltava abatido, magro, melancolico; porém os ares patrios em pouco tempo lhe restabeleceram a saude, que é a alegria do corpo, e a alegria, que é a saude do espirito.

Antes assim.

A patria perd u n'elle um futuro bacharel, que, como tantos outros, grande lustro e gloria certamente lhe daria; porém a moralidade ganhou com o caso mais uma exemplificação pratica da velha parábola do filho prodigo).

MAGALHÃES FONSECA.



PAUL BOCAGE